

Caldas, Nathalia Silva¹; Silvano, Renato Azevedo Matias²

1. Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
2. Departamento de Ecologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

Em ambientes tropicais como a Amazônia, há grande diversidade de espécies sendo comum a ocorrência de muitas espécies raras. Os padrões de raridade são importantes fatores a serem considerados na conservação de espécies de peixes, tendo em vista os diferentes impactos antrópicos (pesca excessiva, barragens, poluição aquática) e que espécies raras apresentam maior risco de extinção.

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho consiste em testar a hipótese de que espécies raras apresentam uma menor amplitude de nicho alimentar do que as espécies mais abundantes, sendo portanto as espécies raras mais especializadas.

MATERIAL E MÉTODOS

Foram analisados peixes coletados em 12 lagos na planície de inundação do Rio Tapajós, na Amazônia brasileira. Os peixes foram amostrados nas épocas de vazante (julho/agosto) e na seca (novembro), e seu conteúdo estomacal analisado em laboratório, sendo medida a biomassa relativa de cada item e identificados os itens alimentares. Consideraram-se espécies raras aquelas que representaram menos de 1% da abundância total de peixes coletados (Fig.2). Foi feita uma análise de covariância (ANCOVA) para verificar se os itens alimentares consumidos diferiam entre as espécies abundantes e raras, utilizando o tamanho médio e o número de indivíduos analisados de cada espécie como covariáveis. Duas abordagens foram usadas: 1) Considerando apenas as informações de dieta obtidas nas coletas do rio Tapajós; 2) Adicionando aos nossos dados informações bibliográficas relativas a dieta das espécies raras (16 artigos científicos). No total, foram coletados 880 peixes, pertencentes a 63 espécies, das quais 42 foram classificadas como raras e 21 como não-raras.

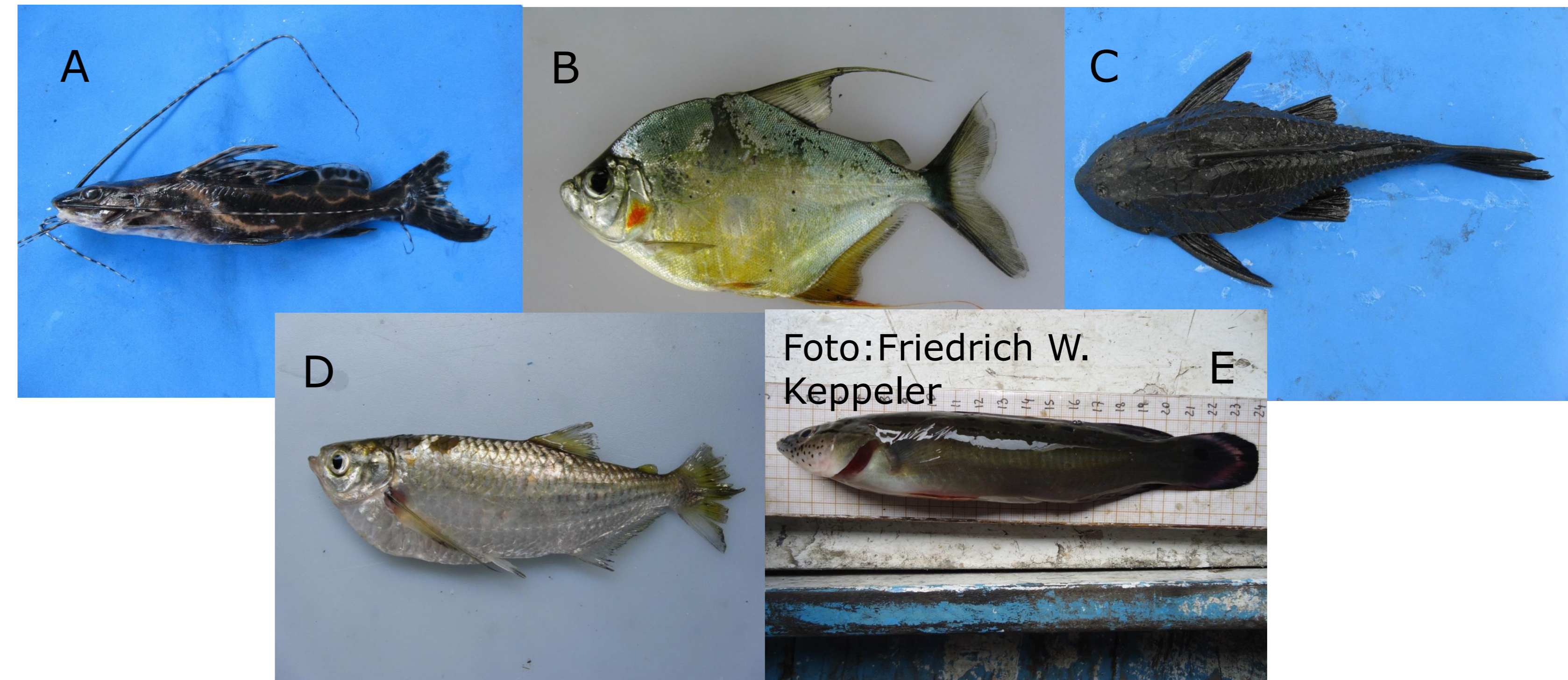


Fig. 2 a-e , da esq .para dir.: a) *Leiarus marmoratus* (n=1), b) *Catoprion mento* (n=1), c) *Ancistrus* sp. (n=1), d) *Triportheus rotundatus* (n=1) e e) *Crenicichla marmorata* (n=1).. Espécies consideradas raras nas coletas.

RESULTADOS

Foi encontrada uma diferença significativa na riqueza de itens alimentares ingeridos entre o grupo de espécies raras e as espécies não-raras, tanto utilizando somente os nossos dados ($F(1,41)=9,042$ $P=0,004$), como também utilizando os dados das espécies raras utilizando dados bibliográficos ($F(1,56)=40,64$ $P>0,001$), sendo que, em ambos os casos, as espécies raras apresentaram uma menor riqueza de itens alimentares. O número de indivíduos analisados esteve positivamente relacionado à riqueza da dieta nas duas abordagens ($F(1,41)=6,047$ $P=0,018$, em nossos dados (Fig. 3); $F(1,56)=11,98$ $P=0,001$, junto à literatura), e o tamanho teve efeito marginalmente significativo apenas sobre a abordagem utilizando nossos dados ($F(1,41)=3,57$ $P=0,066$).

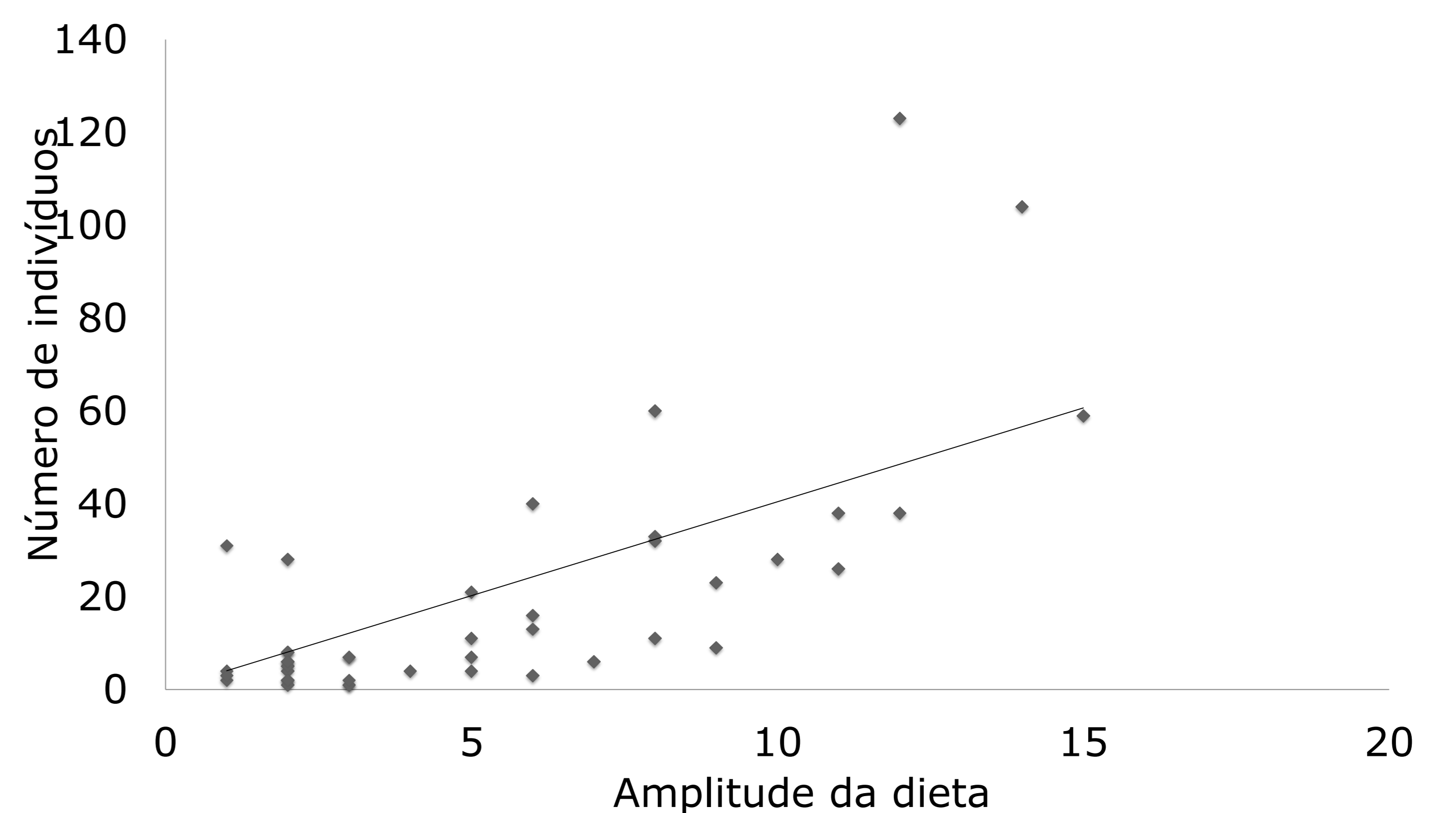


Figura 3. Relação entre número de indivíduos coletados e amplitude da dieta para as espécies coletadas (n= número de indivíduos de cada espécie), segundo os dados do nosso trabalho no Rio Tapajós.

DISCUSSÃO

A hipótese de que as espécies consideradas raras são mais especializadas foi confirmada pelos resultados, ou seja, elas apresentam uma amplitude de nicho alimentar menor em relação àquelas não-raras. No entanto, ocorre também um efeito amostral, uma vez que um número maior de indivíduos foi analisado para as espécies comuns ou não-raras, o que aumenta a riqueza de itens alimentares observados. Pode-se concluir que espécies raras têm maior probabilidade de ser extintas se sujeitas a impactos ambientais que modifiquem o habitat ou a disponibilidade de recursos, por não serem tão resilientes como as espécies mais abundantes e mais generalistas.

AGRADECIMENTOS

Ao BIC/UFRGS pela concessão de minha bolsa, ao PROCAD/CAPES pelo financiamento do projeto, ao CNPQ por bolsa produtividade pesquisa para Renato A. M. Silvano e ao SISBIO pela licença para coleta de peixes. E agradecimento especial a Friedrich W. Keppeler, PPG Ecologia e Dep. Ecologia (UFRGS), por iluminar o caminho das ideias para esse trabalho.

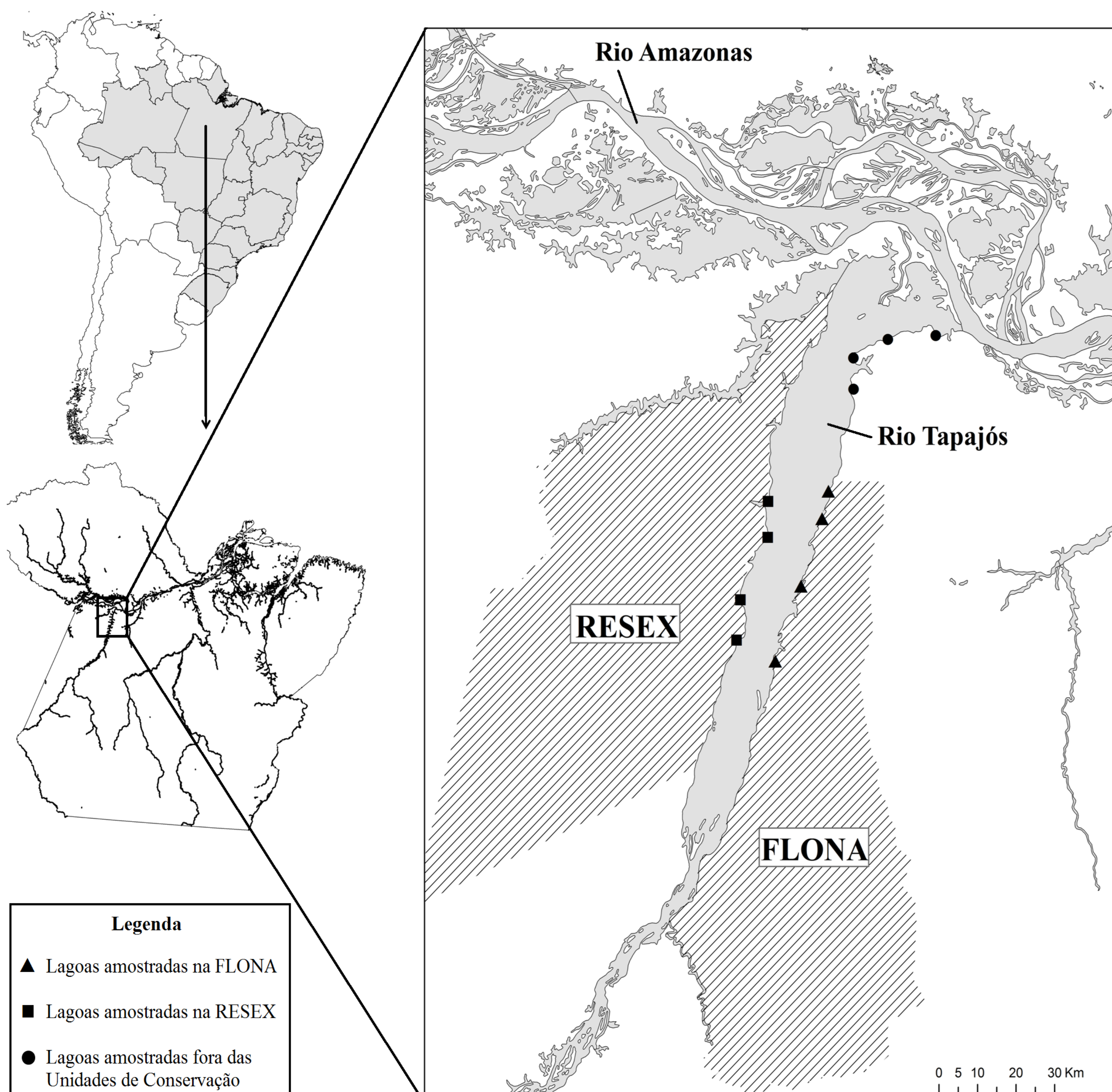


Figura 1. Mapa da área de estudo - Rio Tapajós, Amazônia Brasileira